

## AS INTERFERÊNCIAS SOCIAIS NO DESENVOLVIMENTO ACADÊMICO

Dannyella Conceição <sup>1</sup>, Luiz Carlos Junio Magno Santos <sup>2</sup>, Agda Santos <sup>3</sup>, Sônia Morais<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Aluno do curso técnico em informática integrado ao ensino médio - IFTO. e-mail: <[dannypaiva160@gmail.com](mailto:dannypaiva160@gmail.com)>

<sup>1</sup>Aluno do curso técnico em informática integrado ao ensino médio - IFTO. e-mail: <[luizcarlosjuniomagno@gmail.com](mailto:luizcarlosjuniomagno@gmail.com)>

<sup>2</sup>TAE, Campus Araguaína - IFTO. e-mail: <[agda.santos@ifto.edu.br](mailto:agda.santos@ifto.edu.br)>

<sup>3</sup>Professor EBTT, Campus Araguaína - IFTO. e-mail: <[sonia.morais@ifto.edu.br](mailto:sonia.morais@ifto.edu.br)>

**Resumo:** As interferências sociais no desenvolvimento acadêmico estão presentes em numerosos estudos. É relatado que a ausência de um campo parental adequado e coerente, segundo os padrões necessários, afeta a adaptação de um indivíduo no meio social, comprometendo negativamente o seu desempenho. Através deste artigo buscamos averiguar os fatores de risco que atingem o desenvolvimento acadêmico dos estudantes dos Cursos de Biotecnologia e Informática ao integrado Ensino Médio do Instituto Federal de Ciências e Tecnologia do Tocantins (IFTO) *Campus Araguaína*. Para assim, poder analisar e buscar futuramente possíveis meios de ajudar as pessoas que se encontra nesta situação. Para a pesquisa buscou-se aplicar o questionário com dezenove (19) questões a uma amostra de alunos de ambos os sexos na faixa etária de 14 a 17 anos, todas formuladas com base nos principais fatores de riscos que podem interferir no desenvolvimento do aluno. Os dados foram coletados e analisados pelos integrantes deste estudo. Concluiu-se que, as interferências sociais manifestaram-se de forma significativa no desenvolvimento acadêmico dos discentes e que estes, revelaram-se, por exemplo, em forma de medo, baixa-estima, depressão, pensamentos suicidas, problemas em controlar impulsos e raiva, abuso de substâncias, problemas de apego, baixa competência social, baixa simpatia e empatia pelos outros, baixa realização acadêmica, distúrbios alimentares, estresse, ansiedade, sobrecarga, características estas que estão relacionados à grande carga escolar expostas aos discentes e à exposição do mesmo as interferências sociais.

**Palavras-chave:** desenvolvimento, psicopatologias, riscos, variáveis.

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe analisar o modo como os estudantes dos Cursos de Biotecnologia e Informática integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Ciências e Tecnologia do Tocantins (IFTO) *Campus Araguaína* podem ser afetados em seus desempenhos acadêmicos em virtude das condições sociais que estão inseridos. Em observância ao aumento dos atendimentos no setor de psicologia do campus com patologias semelhantes, fadiga, cansaço, desânimo para estudar, buscamos investigar como de fato esses alunos estão sendo afetado e quais os possíveis fatores.

Nesse sentido, buscamos as causas que tem levado os alunos a apresentarem com frequência, comportamento de isolamento e exclusão. Observando os fatores de risco externos que afetam o desempenho acadêmico e permitem que um aluno fique neste estado emocional conturbado. Com este levantamento construímos a seguinte hipótese: a aglomeração de fatores externos (estilos parentais, violências, abuso de substâncias, psicopatologia e etc.) torna um indivíduo vulnerável emocionalmente e psicologicamente.

Assim, propomos como base metodológica realizar uma pesquisa bibliográfica com os especialistas no assunto em artigos, livros e documentos legais, norteados por uma pesquisa quantitativa e qualitativa com técnica de coleta um questionário em que se busca fazer o levantamento

das possíveis origens, e com base no resultado propor uma discussão sistemática acerca do tema. É relevante esse tema, pois é preocupante as recorrências de suicídio entre os jovens, no país, e no mundo, bem como em nosso estado e cidade. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, *Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.* (BRASIL, 1990). Perante a lei é atestado proteção à criança e ao adolescente, entretanto, pode-se observar que muitas vezes isso não acontece, visto que os fatores de risco são resultado de uma série de ações negativas construídas dentro do campo parental da criança ou meio social, expondo mais facilmente as adversidades que acaba deixando o menor em um estado de fragilidade.

Mediante o exposto, sentimos a necessidade de realizar o presente estudo para obter uma compreensão do que ocorre com os discentes do Ensino Médio do IFTO *campus* Araguaína, como verificar possíveis situações de riscos que podem estar enfrentando esses alunos, investigar se as interferências sociais é um fator relevante no que tange ao processo de ensino e aprendizagem afetando seu rendimento escolar.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A Adolescência é uma fase do desenvolvimento humano considerada vulnerável para muitos, devido às várias mudanças físicas e psicológicas no indivíduo. “É também o período em que prefere estar com os pares e se afastar dos pais. E vivenciar situações das quais muitas vezes não sabe lidar”. (SAPIENZA; PEDROMONICO, 2005, p. 210).

Para Hutz (2002) os fatores de risco são variáveis que podem aumentar a probabilidade de ocorrer um resultado negativo no indivíduo. Dentre esses fatores podemos evidenciar os comportamentos que podem comprometer a saúde, o bem-estar ou o desempenho social do indivíduo. Da mesma forma Garmezy (1985 apud MAIA; WILLIAMS, 2005) afirma os fatores de risco são aqueles fatores que se forem presenciados podem chegar a aumentar a probabilidade do desenvolvimento de uma desordem emocional ou comportamental por parte da criança. Especificamente tais fatores podem incluir um conjunto de atributos que influenciam tanto o ambiente da criança quanto o de sua respectiva família. Afinal,

[...] individualmente, muitas variáveis podem ser consideradas risco na infância e na adolescência: síndrome pós-trauma, depressão, ansiedade, estresse, distúrbios de conduta ou de personalidade, evasão escolar, gestação precoce, problemas de aprendizagem, uso de drogas, violência familiar, desagregação familiar, violência física, abandono, maus-tratos, entre outras. (SAPIENZA; PEDROMONICO, 2005, p. 210)

Similarmente Kumpfer e Alvarado (2003) ressaltam que na presença de determinados fatores de risco como: conflitos familiares, perda do vínculo pai-filho, desorganização, práticas parentais

ineficazes, estressores e depressão parental a probabilidade de afetar o desenvolvimento torna-se maior.

De acordo com Haggerty e Cols. (2000) conforme citado por Sapienza e Pedromônico (2005) mencionam que um conjunto de fatores de riscos pode existir em quase todas as famílias, mas que nas famílias mais pobres esse efeito é ainda pior, devido à probabilidade de serem expostos a adversidades como pobreza dos pais, discórdia e separação, cuidados inadequados com a saúde e desemprego crônico são maiores. Ainda sobre a situação econômica da família que podem tornar o indivíduo vulnerável e prejudicando seu desenvolvimento. Podemos citar,

[...] 10 fatores de risco que afetam o QI de crianças de baixo nível socioeconômico, mas que podem influenciar crianças de todas as classes sociais. Os riscos escolhidos foram: 1) saúde mental materna; 2) ansiedade materna; 3) perspectivas parentais; 4) comportamentos interativos maternos; 5) educação materna; 6) status ocupacional do provedor; 7) status socioeconômico; 8) suporte social familiar; 9) tamanho da família; e 10) eventos estressantes. Os resultados mostraram que diferentes combinações em igual número de fatores de risco produzem efeitos similares no QI, deixando evidente que o efeito cumulativo de múltiplas adversidades aumenta a probabilidade de o desenvolvimento da criança ficar comprometido, independentemente do estado social. (SAPIENZA; PEDROMONICO 2005, 211p).

Do mesmo modo Brancalhone e Williams (2003, apud MAIA; WILLIAMS, 2005), expõe que “os efeitos da exposição da criança a violência conjugal são: agressão, uso de drogas e/ou álcool, distúrbio de atenção, baixo rendimento escolar” (p. 94). Como conseqüências da violência psicológica, que podem causar prejuízos nas seguintes áreas:

*Pensamentos intrapessoais* (medo, baixa-estima, sintomas de ansiedade, depressão, pensamentos suicidas etc), *saúde emocional* (instabilidade emocional, problemas em controlar impulso e raiva, transtorno alimentar e abuso de substâncias), *habilidades sociais* (comportamentos anti-social, problemas de apego, baixa competência social, baixa simpatia e empatia pelos outros, delinquência e criminalidade), *aprendizado* (baixa realização acadêmica, prejuízo moral), e *saúde física* (queixa somática, falha no desenvolvimento, alta mortalidade). (MAIA; WILLIAMS, 2005)

Para Werner (1998) os amigos e as escolas são consideradas meios importante para a constituição dos fatores de proteção da criança, e os professores podem vir a ser um modelo positivo de identificação pessoal para uma criança de risco. Assim Rae-Grant et. al. (1989) citado por Maia e Williams (2005) “identificam como fatores de proteção da criança: o temperamento positivo, a inteligência acima da média e a competência social (realização acadêmica, participação e competência em atividades, habilidade de se relacionar facilmente, alta auto-estima e senso de eficácia)” (p.98). Dessa forma, pode-se ainda classificar os fatores de proteção em três categorias: **atributos da criança**- atividades, preferências, auto-estima, autonomia, etc; **características da família**- coesão, afetividade e ausência de negligência, etc; **fontes de apoio social ou institucional**- atendimento individual como atendimento médico ou psicológico, suporte cultural, suporte cultural, relacionamento da criança com pares e pessoas de fora da família. (MAIA; WILLIAMS, 2005)

Segundo Reppold et al. (2002) a família pode ser identificada como fator de risco ou como fator de proteção, dependendo do estilo parental utilizado. Caso haja bom funcionamento familiar, a existência de vínculo afetivo, o apoio e monitoramento parental serão indicativos de fatores protetores que reduziria a probabilidade dos adolescentes se engajarem em atos infracionais. E se houver hostilidade e negligência parental contribuiu para o engajamento de indivíduos com distúrbios de conduta em grupos criminosos.

Na esteira desse teórico, podemos entender que o fator de risco pode está diretamente associada a quem por questões sentimentais, morais e legais deviam guardar, assim quando há um indicativo que essa proteção não ocorre medidas cabíveis devem ser tomadas, porque uma coisa é fato, toda criança e adolescente deve ter seus direitos assegurados e guardados conforme rege a Constituição Federal de 1988 do nosso país.

### **3 METODOLOGIA/MATERIAIS E MÉTODOS**

Em vias de atender aos objetivos da pesquisa que visa analisar o modo como os estudantes dos Cursos de Biotecnologia e Informática integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Ciências e Tecnologia do Tocantins (IFTO) *Campus Araguaína*, podem ou não, serem afetados em seus desempenhos acadêmicos em virtude das possíveis condições de vulnerabilidade econômica a que podem está inseridos fez-se necessário pautar-nos por uma abordagem qualitativa- quantitativa.

O projeto tem método de cunho científico, realizou-se um levantamento bibliográfico do tema citado, e posteriormente uma pesquisa quantitativa e qualitativa com os alunos para assim poder identificar possíveis influências desses fatores de risco no desenvolvimento acadêmico.

Neste trabalho procuramos por meio da aplicação de um questionário com dezenove (19) questões sendo elas dezesseis (16) objetivas e três (3) abertas para a constatação das variáveis. Participaram da presente pesquisa trinta e dois (32) alunos da faixa etária de 14 a 17 anos de ambos os sexos, sendo eles alunos do 1º ano escolhidos de forma aleatória. A averiguação da problemática foi realizada no laboratório de informática do Instituto Federal do Tocantins - Campus Araguaína, no qual foi disponibilizado um link de acesso ao formulário do *Google Forms*.

Diante da participação dos alunos menores de idade, foi solicitado aos pais e/ou responsáveis a assinatura do termo de autorização livre esclarecido, que permitia o menor a realizar a pesquisa e explicava a forma da participação do discente na pesquisa.

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O questionário foi aplicado com 32 alunos dos 1º anos dos Cursos Técnicos de Informática e Biotecnologia. O *Campus* conta com três turmas de Técnico em Informática e uma de Biotecnologia, por tanto a proporção dos entrevistados foi 81,3% de informática e 18,8% de Biotecnologia. Mediante os dados obtidos podemos observar que a faixa etária dos pesquisados dispõe 21,9% tem 14 anos, 53,1% 15 anos, 21,9% 16 anos e 3,1% 17 anos. O sexo dos alunos foi requerido para nos permitir investigar a sua relação entre os estilos parentais e a sua influência sobre os alunos.

As relações entre gênero e estilo parental são bastante estudadas na literatura, e os achados mostram segundo Aunola et al. (2000, apud HUTZ, 2002) “que esta é uma variável importante na determinação do estilo parental com variações nos estilos de pai e mãe e na perspectiva de filho e filha” (p. 32). A respeito da Constituição familiar, 65,5% tem famílias nucleares (pai, mãe e filhos), 21,9% tem famílias monoparental (só pai ou mãe), 6,3% moram com os avôs e 3,1% com tio. Em referência se possuem parentes com deficiência ou transtorno mental, 77,4% dos alunos não dispõe de parentes e 22,6% apresentam. Este levantamento veio através da suposição de que ele pode vir a ser considerado um dos principais meios de risco ao desenvolvimento do menor.

Igualmente Rammey e Ramey (1998) citado por Maia e Williams (2005) discorrem que uma “criança com determinados atributos biológicos e/ou sob efeito de determinadas variáveis ambientais tende a obter uma maior probabilidade de apresentar distúrbio ou atraso no seu desenvolvimento em comparação com uma criança que não apresenta tais variáveis” (p. 92). Para Maia e Williams (2005) a probabilidade de agressão em filhos é maior quando os pais são portadores de deficiência mental.

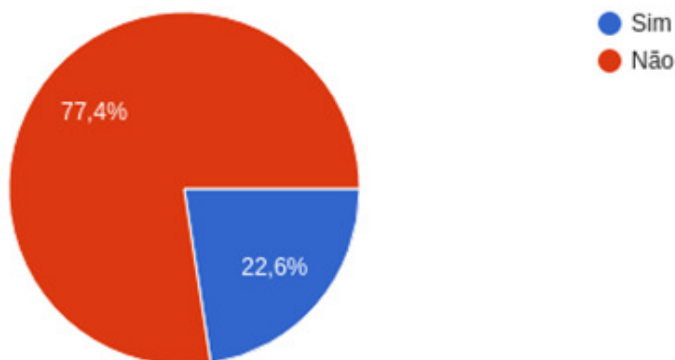


Gráfico 1: Representação de portadores de deficiência ou transtorno mental na família

No tocante às violências sofridas 71,9% relatam não sofrer nem um tipo de violência, 25% manifesta sofrer violência psicológica e 15,6% mencionam padecer de violência física em casa. Tal como Barnett, (1997) relata que a violência física circunda a maus tratos corporais (espancamento, queimaduras, fraturas, contusões, etc) onde as conseqüências de tais atos abrangem diretamente no desenvolvimento da criança. (apud MAIA; WILLIAMS, 2005). “A violência psicológica por sua vez ocorre quando alguém é submetido a ameaças, humilhações e privação emocional. Esta violência pode

consistir em ameaças de vários tipos (suicídio, morte, danificação de propriedade, agressão à vítima ou a seus entes queridos, entre outras)” (FRANÇA, 2003 apud MAIA; WILLIAMS, 2005). Representado no gráfico 2 :

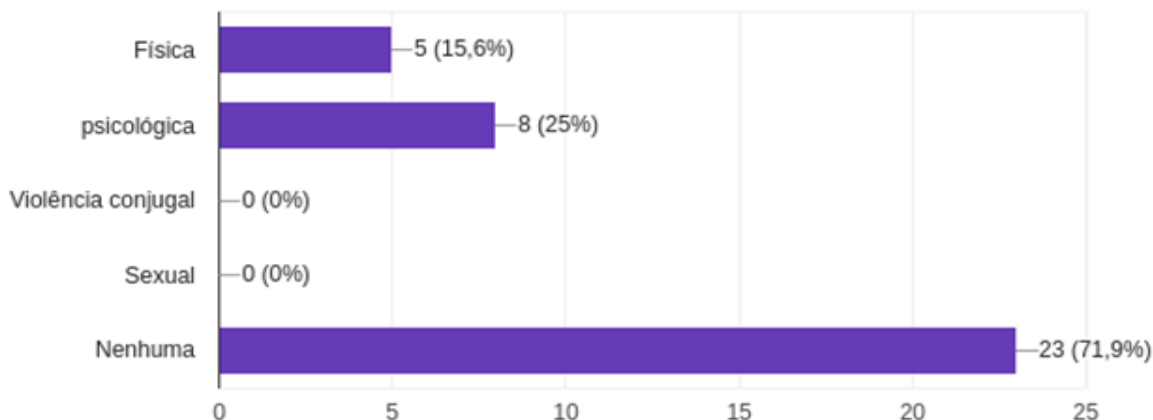


Gráfico 2: Tipos de violências.

Quanto às conseqüências dos fatores de risco existentes na vida cotidiana dos pesquisados. Pode-se observar que os sintomas apresentados foram: 68,8% a ansiedade, 50% estresse, 43,8% baixa-estima, 40,6% sobrecarga, 28,1% problemas em controlar impulsos, 25% problemas de apego, 25% sintomas de depressão, 21,9% medo, 21,9% pensamentos suicida, 21,9% baixa competência social, 12,5% baixa simpatia e empatia pelos outros, 12,5% baixa realização acadêmica, 12,5% distúrbio alimentar e 6,3% abuso de substâncias. Esses sintomas psicológicos não devem ser considerados como um fenômeno transitório e sem gravidade, essas dificuldades podem apresentar uma grande estabilidade temporal e contribuir para afetar negativamente o processo de desenvolvimento como um todo.

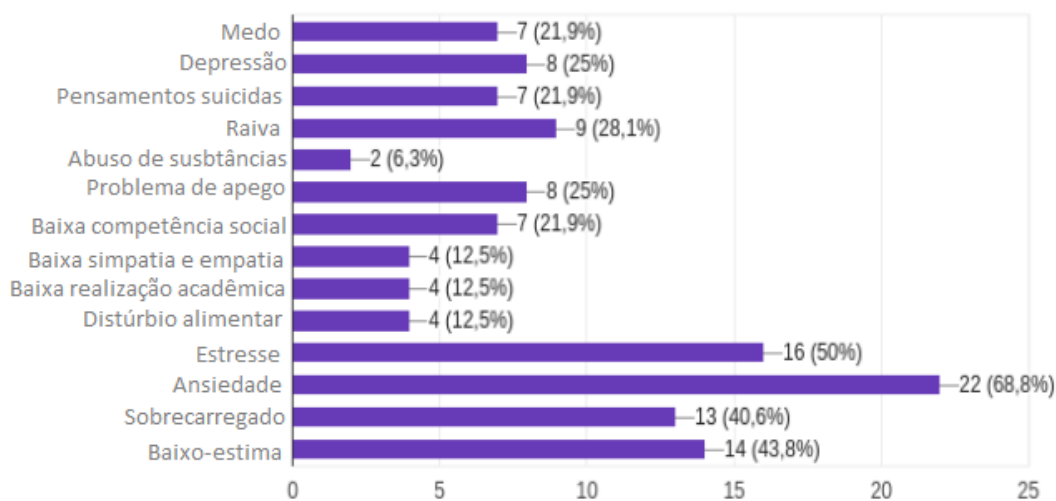


Gráfico 3: Sintomas e Comportamentos.

Diante dos tópicos abordados foi argüido se as conseqüências e as variáveis interferem de alguma forma no seu desenvolvimento, 71,9% disseram que sim, 21,9% disseram que não e 6,3% não souberam responder. Em presença do número significativo de pesquisados que afirmaram que existe certa influência desses fatores no desempenho escolar. Podemos confirmar a hipótese inicial, que esses fatores de riscos estão induzindo negativamente o rendimento escolar destes alunos. Representado no Gráfico 4:

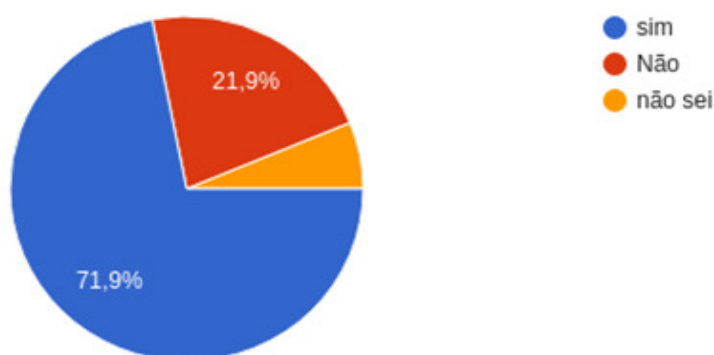


Gráfico 4: Os fatores de riscos vivenciados influenciam no desempenho escolar.

## 5 CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar os problemas sociais que como condição humana afeta a todos, buscou-se os fatores que poderiam estar implicando diretamente no desempenho dos alunos do IFTO - Campus Araguaína, e a necessidade de abordar esse assunto se deu como forma de detectar se as variáveis levantadas anteriormente, pautava-se além de questões sócio-econômicas até suas relações no âmbito familiar .

Nas discussões e resultados foi possível atestar certas premissas em que essa idade, tão vulnerável às crises podem sobrecarregar e afetar a vida do aluno. Nessa discussão, verificamos que há problemas como: ansiedade, sobrecarga, estresse, baixo-estima, pensamento suicida, baixa competência social, problemas de apego, impulso, raiva, depressão e medo.

Os resultados obtidos comprovaram o conjunto de fatores que interferem no comportamento destes indivíduos, como déficit de atenção nos estudos, desenvolvimento de psicopatologia, problemas emocionais, etc. O presente trabalho pode fundamentar trabalhos futuros e por meio deste propor ações futuras em apoio desses indivíduos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. **ECA** \_ Estatuto da Criança e do Adolescente.

HUTZ, C. S. (org.) **Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção** - São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

KUMPFER, K. L.; ALVARADO, R. **Abordagens de fortalecimento familiar para a prevenção de comportamentos de problemas dos jovens**. Psychological Association, 2003.

MAIA, J. M. D.; WILLIAMS, L. C. A.. **Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área**. *Temas Psicol.* [online]. 2005, vol.13, n.2, pp. 91-103. ISSN 1413-389X.

REPPOLD, C. T.; PACHECO, J. BARDAGI, M.; HUTZ, C. (2002). **Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais**. In: C. S., Hutz, (Org.), *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção* (pp. 7-51). São Paulo: Casa do Psicólogo.

SAPIENZA, G.; PEDROMÔNICO, M. R. M. .**Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente**. *Psicol. Estud.* [online]. 2005, vol.10, n.2, pp.209-216. ISSN 1413-7372. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722005000200007>.

WERNER, E. E. (1998). **Fatores de proteção e resiliência individual**. In: S. J., Meisels, J., ; P. Shonkoff (Orgs).*Manual de Intervenção na Primeira Infância*.(pp. 97- 116). Nova York: Cambridge University Press.